

# ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: A. NUNES DA SILVA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira  
necessidade do Homem. Danton.REDACÇÃO (Em Lisboa)  
Anibal CruzRepresentantes em Lisboa,  
F. da Foz, Aveiro,  
Fermentelos, 1.º, Q. do  
Gato, Bonsuccesso, Esquei-  
ra, Mataduchos, Avancica, Es-  
tarreja, Canelas e Angeja.

## ASSINATURA

Ano, série de 50 números . . . . . 20\$00  
Semestre, série de 25 números . . . . . 10\$00  
Estrangeiro, ano 50 números . . . . . 50\$00  
Brasil e Colonias . . . . . 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA P. IMPRENSA  
E L. REGIONAL

Redactor e Editor

Abílio de Carvalho

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO  
DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃOREDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
Rua da Paz--QUINTA DE LOUREIRO  
(CACIA)Não se aceitam originaes contra a vida particular  
de qualquer individuo

## Carta de Aveiro

Como as folhas que caem e rolam pelo chão, revolutando ao sabor do vento, assim cai na redacção esta minha primeira carta que o jornal levará de mão em mão, para a leitura dos seus assinantes. E, feito este introito, eu principio.

Há meses, retido por afazeres e por doença, eu não tenho podido estender meus passeios aos arredores, ou sequer, a logares de prazer ou de recreio. Mas, no último domingo, fazendo da frágua força, aventurei-me à travessia da cidade e fui ancorar no passeio público.

Desci ao Parque e fiquei boquiaberto ao deparar com os melhoramentos ali feitos. Um campo de patinagem, três fontes escorrendo água e feitas em cimento armado, a ponte sobre o lago, recentemente construída e em via de conclusão, e bem lançados canteiros alegrando a vista e dispondo *au prône*.

No jardim, a banda de infantaria 19, e em passeio, constante vai-vem de damas e cavalheiros em animada palestra, sem atenção pelos acordes dos lúsidos instrumentos. Unicamente meia dúzia de amadores apreciando música.

E sempre forçando a minha fraquesa, a tão higiénico passeio, alonguei meus passos até ao passo nível de S. Bernardo. A entrada do cemitério novo que, por tantos anos se limitou a um desconjuntado portão de madeira, vai agora ficar com um monumental pórtico feito em tijolo e cimento armado, faltando depois, apenas, a conclusão do muro que há ao fundo daquela mansão de repouso eterno.

Eu não queria logo de entrada tornar-me massador com a minha lenga-lenga, mas perdoem-me se, pela primeira vez, me alongo um pouco na citação dos melhoramentos que meus olhos, sempre ávidos de sensações, notaram durante o meu passeio, que se prolongou até já "noite fechada".

Na Avenida 16 de maio, por enquanto *niniamen*

iluminada, os ciclistas, aproveitando a escuridão a que os plátanos dão causa, pedalam ali, quer descendo, quer subindo, furiosamente, sem respeito algum por um velho edital do Governo Civil, edital ainda do tempo da monarquia, que proíbe a circulação de veículos de noite, sem luz. Mas a polícia, ali, poucas vezes *gira*, razão porque, os ciclistas, sabedores do caso, transitam sem o menor receio.

E, porque se não é tão rigoroso, nos castigos, como se devia ser, vá de "todos" prevaricarem.

A fiscalização do pescado entrando no "Mercado José Estêvão" é que está sendo rigorosa. E ainda bem, pois que toda a qualidade de peixe bom ou pútrido que dantes ali entrava não sofria qualquer inspecção. O peixe era vendido ao público, sem mais *tirte nem guarde*, muitas vezes com grave risco da sua saúde. E' sempre de louvar actos, que protejam a saúde pública e o bem-estar do povo.

Repentinamente, na tarde de segunda-feira, quando chegava à Farmácia Brito, na rua Coimbra, sobraçando um pequeno embrulho com peixe, falecia o sr. João Grijó, vulgarmente conhecido pelo "Indireita".

A toda a família a expressão sincera do nosso pesar. 14/10/31.

F.

J. OLIVEIRA E SILVA

A seu pedido, foi transferido para um dos liceus da capital, o nosso distinto colaborador, sr. Oliveira e Silva, laureado aluno de Ciências.

## FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, não podemos inserir no presente número, vários originaes dos nossos correspondentes e colaboradores, entre eles um artigo do nosso colaborador sr. J. Oliveira e Silva, pelo que a todos apresentamos as nossas desculpas.

## A ESFINGE, falou!...

(Continuação do n.º anterior)

Vejam o que acontecia quando vinham a Cacia, grupos como o de Aveiro (19-12-926) e do Porto (21-11-926) e artistas como Vitaliano. O povo primava pela sua ausência, e as mais das vezes, tínhamos que perdoar o alaguer do teatro!

E porquê?

Porque o povo bairrista a valer, só ia aos nossos espectáculos, julgando assim contribuir para a formação dum grémio recreativo e dramático, que, no futuro, constituísse como que a sala de reunião da sociedade caciense!...

E saíu dali... alguma coisa.

Saíu, pelo menos, o dinheiro para os "s te aneis... e talvez para mais alguma coisa (para os 3 que se encontravam em Cacia e que são os únicos que sabem quanto estava na gaveta pois que não deram contas a ninguém). Os outros 4 aceitaram o que lhe deram.

Venham, portanto, as contas a público, os aneis à ourivesaria e... o dinheiro dos ditos para os pobres. Ou então dê-se-lhe o destino que se resolver em reunião assistida de todos os interessados; e que se realize quanto antes essa reunião, a que deve assistir a autoridade competente, para liquidarmos este triste assunto a que a vossa criminosa ganância veio dar causa.

E, só assim, vós ficareis libados de culpas.

Esp.º, 21-10-931.

Manuel Pinto Perfeito.

## LAPSOS

Por um lamentável descuido na revisão do último número, saíu no artigo que fiz publicar sobre o falecimento do saudoso conterrâneo sr. João Afonso Fernandes, em vez de BEBEDOURO *lava-douro*.

Fica, assim, a verdade restabelecida.

Que nos perdõe o sr. Laurentino Afonso Fernandes.

— Também notamos que, no mesmo artigo, saíu por lapso, o sr. Alberto Nunes Freire Quaresma como senho irmão da desolada viúva, quando é sobrinho.

— Na última produção literária do nosso presado colaborador sr. Carlos Conde, por um lamentável lapso tipográfico saíu erra o último verso da 1.ª sextilha.

On le se lê:

Por ter sido ladrão, deve lê-se:

Por não ter sido ladrão,

## Portugueses no Brasil



Do sr. João da Silva Matos, tio do proprietário deste jornal, recebemos uma carta de saudação (e ag adeco-mos, acompanha a fotografia de seu filho David, digno Sargento Radiotelegrafista do Exército Brasileiro. Na referida carta, rogamos aquêlê prezado conterrâneo a inserção da referida estampa, a propósito de seu filho David ter há dias completado mais um ano de existência, existência que lhe decorre feliz na companhia de sua esposa sr.ª Yolanda.

Este sr. Sargento David foi passar a "longínqua" fes-

ta de S. Paulo na companhia de seu pai que, na sua propriedade, situa na margem do rio Capary, propriedade esta que tem de área 105378 metros quadrados, e possui um bellissimo pomar.

Dito isto que é muito pouco dada a grandeza da propriedade — um ver ladeiro paraíso! — onde vive o sr. Matos, finalizamos, desejando-lhe, assim como a sua digna consorte, todos os bens e fortunas da terra.

E ao sr. David desejamos igualmente que seja muito feliz e chegue a conquistar um alto posto no Exército.

## O discutido caso do Grupo Dramático Caciense

Sr. Redactor — Tenho lido no *Ecos* o protesto que os meus antigos companheiros do G. D. C. vêm fazendo a propósito do escândalo que houve com o espólio do mesmo.

Como também fiz parte do mesmo Grupo tenho o direito de dar a minha opinião que é a mesma do sr. M. Pinto Perfeito.

Não quero que me paguem o pouco que fiz, porque nada fiz com interesse;

mas, outrassim, desejo que as contas sejam prestadas, e o sallo que se apurar e argua ao Grupo que há na terra formoso, ou então, distribuído pelos pobres.

Tu lo é le Cacia e tu lo deve ficar em Cacia. Deixemo-nos de mesquinhas ambições. Prestem contas, e defendam-se como cavalheiros.

E não se defendam provocando como o sr. Samuel da Costa Santos fez.

Pinto Perfeito não necessi-



ta que o defendam, mas não há direito que um «inconsistente», um comedor, se defenda o que o accusam da maneira indelicada como ele o faz. Esse cavalheiro oferece a caneta de tinta permanente do seu *Antoninho* para se fazer as contas. Pois, caro amigo, talvez já se tenha servido dela, e, ainda volte a ter a mesma precisão para, assim, se desfazer dum objecto tão útil... Guarde-a, porque não se oferece o que nos faz falta.

E com respeito aos hospedes que tem em casa, resolva lá o senhor o que entender com eles porque, comendo com eles à mesa, sempre percebe melhor a sua linguagem do que nós.

Deixe-se, pois, sr. Samuel de respostas parvas e preste contas do dinheiro que não é seu.

Agradecendo a publicação desta, confessa-se muito grato, o conterrâneo e amigo

Lx., 23/10.

Manuel Marinhos.

**Sobre o mesmo assunto recebemos tambem a seguinte carta:**

**Sr. Redactor:** — Quando o Grupo Dramat. Caciense se andava organizando foram a minha casa os srs. Augusto Luís Marques Peça, Manél, Samuel, José Cordeiro e outros mais componentes do mesmo para minha mãe consentir na minha entrada para esta agremiação, pois que havia muita dificuldade em arranjar-se elementos femininos.

Consentiu minha mãe que eu fizesse parte do Grupo não com qualquer intuito interesseiro mas apenas com o de se ajudar o Grupo, por se tratar dum melhoramento para a terra.

No entanto, agora que uns «comeram os figos e a outros rebentaram-lhes os beiços» eu entendo de meu dever vir a público juntar o meu protesto aos meus antigos companheiros contra os srs. Samuel, Manél, A. Pereira e outros que desviaram da caixa do Grupo o dinheiro que lá se encontrava e que se negam a prestar contas. Ao menos paguem-me a fila de seda preta e os sapatos de lona que comprei. A despesa não foi grande, no entanto o producto da venda dos anéis que os «sete» sem vergonha alguma ostentam dava para pagar os rabos que deixaram.

Isto não falando nos serviços que minha mãe prestou ao Grupo e que não foram pagos, no arranjo e limpeza do teatro, condução e pedido de mobílias, três dias a fazer comida para o Grupo em Paços de Brandão, sendo-lhe apenas paga a viagem. Nesta viagem do Grupo deu-se um caso picaresco entre o sr. Samuel e o Manél por causa daquêle ter dito a este

## Cantigas...

(para vós cachopas da minha terra, cantardes ao serão...)

*Tenho uma aspiração louca.  
— Ser poeta, unicamente;  
— Para andar de bôca em bôca,  
Na bôca de toda a gente!*

*Mentiste, mas, por desgraça,  
Foi pouca a tua cautela;  
A mentira, quando passa,  
Leva a verdade atrás dela...*

*Basta de preces, não rezes,  
Erguendo os olhos aos céus;  
— Deus me perdôe, mas às vezes,  
Tenho ciúmes de Deus!*

*Minh'alma triste, serena,  
Nem só por mim chora já:  
Tambem chora por ter pena  
de quem só penas lhe dá!*

*Dizem que é enorme o mundo,  
Colossal o seu roteiro;  
E' mentira. Um ai profundo  
E' maior que o mundo inteiro!*

*Jurei pelos olhos meus  
Que te amava com fervor;  
Tive o castigo de Deus,  
Fiquei ceguinho de amor...*

*Diz que és virgem, que eu atesto,  
— Se alguém de nós já supôs...  
— E deixa correr o resto,  
O resto... fica entre nós...*

*Há preconceitos tam vis,  
Entre tanta, tanta gente,  
Que há quem sinta o que não diz  
E há quem diga o que não sente...*

*Nunca dêes graças a Deus  
De eu te amar tanto, meu bem  
Dá graças aos olhos meus  
Por não verem mais ninguém!*

Carlos Conde.

na altura do jantar que nunca tinha comido uma sopa como a que minha mãe tinha preparado. Falo nisto para se lembrarem de nós, se é que tam facilmente se esquecem dos serviços que os outros prestam.

Venderam tudo sem dar uma satisfação. Agora, que os comedores do Grupo andam já, reconhecendo o mal que praticaram contra o progresso e bom nome da terra, «às aranhas», empurrando as culpas duns para os outros da venda dos tarécos e desvio da «massa», eu lembro uma reunião de todos os interessados, em primeiro lugar.

Agradecendo, sou, etc.  
Maria Rosa Ferreira dos Santos.

**Sobre este mesmo assunto temos em nosso poder uma carta do sr. Tomaz Rodrigues, a que só no próximo número daremos publicidade.**

## Agradecimento

Augusta Nunes da Silva Fernandes e seus sobrinhos agradecem por este meio a todas as pessoas que acompanharam a última morada do seu chorado marido e tio, João Afonso Fernandes, rogando desculpa de qualquer falta involuntariamente cometida.

Cacia, 27 de Outubro.

## Raúl Conde

O jornalista sr. Raul Conde, orientador e dirigente deste jornal, auctor dos *Mimos de Aldeia*, publicado em folhetins no *Despertar*, de O. de Azemeis, *Vale de Lágrimas*, na *Fôrça*, de Lisboa, *Mulheres*, *Maria da Graça* (já no prelo) e de outros romances e novelas, acaba de ceder ao agente de publicações, sr. Artur Fernandes, da Prêsa (Aveiro) o exclusivo da venda (em fascículos) da sua última obra — *Lama* — onde são descritas, o mais fielmente possível, as tragédias por que passou uma família que viveu nesta região.

A edição é do auctor que reserva para si todos os direitos. Todos os fascículos são rubricados pelo auctor.

## ECOS DA SOCIEDADE

### ANOS

No dia 29 fez 52 anos o sr. José de Figueiredo, sub-chefe de policia aposentado, pai do nosso amigo e assinante sr. José de Figueiredo Junior.

Tambem completa 8 rissonhas primaveras a estremecida filha do nosso amigo sr. José Nunes Ferreira, a encantadora Olivia da Conceição Ferreira. O nosso cartão de felicitações.

Completa amanhã 16 rissonhas primaveras a gentil menina Joana Rosa da Cunha.

Completa 6 anos no dia 31 a menina Maria da Gloria, filha do sr. José Marques Damião, proprietario e administrador deste jornal.

### PARTIDAS

Para a Torreira, acompanhado de sua respeitavel familia o nosso amigo sr. José da Silva (o Rizado).

Para a mesma praia o nosso presado amigo sr. José Maria Ferreira Portela, empregado comercial.

Para Lisboa, retirou-se há dias acompanhada de seu estremecido filho Jaime, a esposa do sr. Manuel Domingues Nina Junior.

Para a Figueira tambem se retirou o sr. Manuel Francisco Teixeira, acompanhado de sua esposa e filho, sr. dr. Alvaro Teixeira.

Com destino a Lisboa, retirou-se no dia 22, o nosso bom amigo e assinante sr. Joaquim Soares da Silva.

Igualmente segue para Lisboa, no dia 26, o nosso bom amigo e assinante sr. José Maria Rodrigues Pardinha Junior.

### ESTADAS

A assistir a uma festa familiar esteve em Cacia na ultima quinta-feira o nosso conterrâneo e amigo sr. Manuel Rodrigues Mendes, acompanhado de muitas pessoas de suas relações.

Tambem de visita a sua respeitavel familia esteve há dias em Cacia, o sr. dr. Armando Rodrigues Simões.

Tambem de visita a suas respeitaveis familias, estiveram em Cacia, há dias, os nossos amigos srs. Manuel Rodrigues Cristino e dr. Manuel Augusto Simões Carrelo.

VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

## Laurentino Afonso Fernandes

Da Quinta para a Quinta do Simão, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, retirou-se há dias, o nosso distinguido amigo, sr. Laurentino Afonso Fernandes.

### Batisado

Realizou-se no dia 25 p.p. o batizado dum filhinho do nosso excelente amigo, sr. Antonio Nunes Teixeira, industrial e proprietario.

Ao acto assistiram muitas individualidades de categoria na região.

### Voltando à carga

Em correspondência de Eixo veio o *Jornal d'Albergaria*, de 15 de Agosto, com um arrasoado qualquer, onde se dizia que esta vila não tinha direito a ser iluminada electricamente, e daí, eu me insurgir contra o objecto correspondente.

Aparece-nos agora, no mesmo jornal uma cavalgada com foros de gente, em correspondência da Oliveirinha, a dar-me parelhas a torto e a direito, obrigando-me a pôr-lhe freio já que o brido e as esporas não basta para o domar.

Pelo que se depreende o correspondente é o mesmo que escreveu as sandices que tanto me revoltaram, assim como a todos os filhos desta terra.

Este tipo é *matias* pela certa, e está a pedir Conde Ferreira ou Miguel Bombarda... O bestinha baralha mistura tudo e até diz que nós lhe chamamos moreço, que tem pai e mãe, etc., etc. só lhe faltando dizer que é maior, vacinado e revacinado com mormo que é uma doença que ataca as bestas, que não tem mãos mas patas para rabiscar aquela serie de asneiras.

O azemula, dize-me lá uma coisa: Haverá alguém neste mundo que não tenha pai e mãe?

Eu tenho uma e outra coisa.

Há cada filho da... politica que, se não existisse seria preciso inventá-lo!

O pedaço d'asno para não lhe chamar asno completo, pretende discutir comigo assuntos doutrinaarios mas como não estou habituado a discutir com *matias*, apenas lhe respondo hoje, lançando para o desprêso d'ora-avante as asneiras que de futuro vomitar.

Eixo, 12/10

Junker.

## Agência funerária

= DE =

## Guilherme Dias Capela

PRAÇA DA REPÚBLICA

ANGEJA

## De Mataduchos - Alumieira

Completo mais um ano de vida, no dia 18 p.p., o sr. Bento Marques Vieira.

Tambem no dia 29 do corrente faz anos o sr. Americo Augusto Soares, residente em Lisboa.

No proximo dia 1 de Novembro tambem faz anos a esposa do sr. Germano Soares Lopes, caixeiro-viajante.

Em 3 do mesmo mês completam mais um ano de vida o sr. Antonio Francisco, empregado da C. P. e sua filha Benilde.

Teve logar no dia 11 do corrente na igreja parochial de Esgueira, o casamento do sr. José Maria Mateus da Silva com a gentil menina Maria da Gloria, filha do sr. João Luís da Silva.

No final da cerimonia foi oferecido a todos os convidados um jantar que decorreu muito animado.

Os nossos parabens.

Com muita felicidade deu à luz no dia 14 uma robusta criança do sexo feminino, a esposa do sr. Antonio Mora, de Alumieira.

Parabens.

Vindo de Lisboa, encontra-se entre nós, a sr.<sup>a</sup> D. Albertina Gondim Leal, de visita à sr.<sup>a</sup> D. Maria Bastos de Almeida.

Já se retirou para a capital o sr. Artur Calado Bastos.

## Padaria

TRESPASSA-SE, no centro da Baixa, com uma boa cozedura. Para tratar: Manuel de Souza—Largo da Constituição — Leiria

MANUEL DE VILHENA Advogado

Rocio AVEIRO

## Comunicado

### De Esgueira

Com esta epigrafe vem uma noticia no n.º 60 do *Ecos*, em que um exalta cobriu-se com a «capa» de um analfabeto para atacar covardemente, chamando-me ciúco e traidor.

Para me defender desta infamia tão precisava de usar este processo, porque toda a gente em Esgueira sabe que são qualidades que nunca tive.

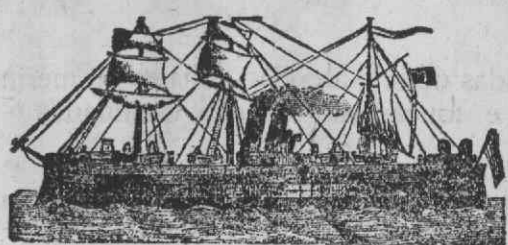
Mas, no próximo numero deste jornal arrancarei a mascara de cinismo traidor e hipocrisia que até agora tem trazido afevelada ao rosto o sr. Guerra d'A.

José da Silva Castro.



# AGENCIA COSTA

Passagens



Passaportes

Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

Fábrica de pirolitos, gazosas e laranjadas. Grande depósito de licôres e vinhos finos. Depositários da cerveja «Portugália». Torrefação e moagem de cafés a vapor

A INDUSTRIAL  
de Manuel Tavares de Souza & F.  
Rua de Sá AVEIRO

## Artur Fernandes

Lindos romances

A' assinatura

Agente de Publicações

Rua do Canto — Aveiro

### Preço dos géneros

Milho b. nacional (20,l)	10\$50
Trigo . . . . .	23\$00
Centeio . . . . .	17\$00
Feijão branco . . . . .	12\$00
Feijão amarelo . . . . .	13\$00
"    mistura . . . . .	9\$00
"    larangeiro . . . . .	12\$00
"    frade . . . . .	8\$00
Ovos (duzia)	3\$20

Tem todos os artigos funerários.

Antonio M. da Cunha  
Cacia

**B**REVEMENTE serão postas à venda as capas do livro que por especial deferência do seu auctor, iniciamos no presente n.º a sua publicação.

### PADARIA

Trespasa-se uma bem situada. Cosedura 90 quilos de farinha em pão pequeno, e 30 quilos de borôa. Motivo desavença na sociedade. Para tratar na mesma.

RUA DO GRAVITO  
AVEIRO

Todo o nosso conterrâneo residente em Lisboa que de-sejar a publicação de alguma coisa no nosso jornal queira dirigir-se ao Bêco dos Clérigos, n.º 1.

## Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão

Escritório e Fábrica: Rua da Pasteleira, 240 (Lordelo do Ouro) — Porto

TINTAS TYPO == FOTOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

«Esmalte» e «Apollo»  
O melhor que se fabrica no País

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traneiras e Navios

ALVIADES, SECANTES E FINOS VERNIZES

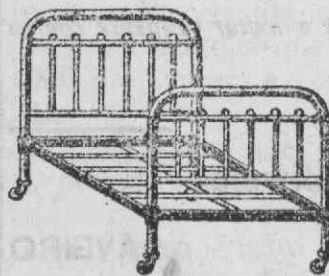
O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.

Fabrica de Móveis de Ferro de Avancem

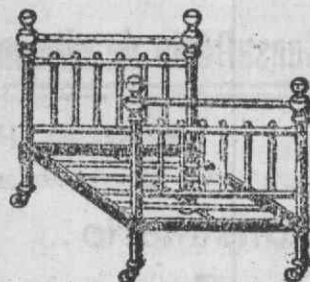
— DE —

Adelino Dias da Costa

A maior produção de móveis



Móveis de ferro em todos os géneros. Os melhores preços. A maior solidez e segurança em todos os artigos do nosso fabrico. Abastecemos os centros mais populosos.



A sua generosa juventude não a gastava, como muitos outros, na esturdia. Em Lisboa, onde trabalhava num escritório, tinha seleccionado meia dúzia de bons companheiros com quem entretinha as poucas horas de ócio, para o que se reuniam todos sempre no mesmo café, na mesma mesa, servidos pelo mesmo criado. E ali, folheando revistas, jornais, as mais variadas publicações, discutindo os mais complexos problemas, o meu bom amigo Evaristo adquiriu alguns conhecimentos que, mais tarde robustecera, frequentando os cursos nocturnos da Universidade Livre do Camões.

Agora, em gozo duma licença de trinta dias, encontrase na sua terra natal, a matar saudades velhas.

Inquieto, na perspectiva de alguma surpresa, retirou-me daquêle local sem eu ter, como desejava, penetrado no antro que a «sombra» deixara envôlto em mistério... e, talvez mesmo, em sangue.

Receando uma provável cilada da «sombra» que desaparecera, mas que se devia encontrar escondida por ali perto, consenti em abandonar o alpendre onde passei algumas horas bem desagradáveis.

No entanto, temendo pela sorte de quem tão desesperadamente pedira socorro, fiz vêr ao meu companheiro que não nos devíamos afastar para longe do sítio.

E assim se fez.

O luar esfarrapava-se pelo espaço como flocos de luz que a bonança fizesse planar no imenso a tirar uma consoladora desforra da tormenta que ainda há bem poucas horas dilacerara num supremo requinte de malvadez as entranhas do Universo! E a lua, tonta de claridade, rebojava-se, perene de encantamento, sobre tantas ondas de luz!... Um manto de luminosas pedrarias estendia-se por sobre os infinitos degraus do seu alto trono e vinha descendo, descendo até nós, como que a incitar-nos à adoração da rainha da noite — até nós, como que a despertar-nos para a contemplação da formosa majestade que sob um rico e ígneo docel, todo chamejante, tecido de fiosinhos de luz, presidia lá nos altos páramos aos arroubos das noivas, mergulhadas a esta hora da noite na nívea brancura dos lençóis de linho que, muito confidencialmente, ouviam os seus abaçados suspiros!

E lá fomos os dois esconder-nos na mesma moita que tinha

Fago um esforço sobrehumano, e dispo a capa de «assombro» que me tolhia os movimentos. Instintivamente, dou um passo em direcção à única porta do pardiêro, e, ao pegar na taramela, surge-me uma «sombra», fera e horrenda, trunfa negra a aumentar-lhe o vulto disforme...

— Dize quem és! — em voz cava e funda alguém que tinha mais de hi-na que de humano, interrogou.

Na tétrica sombra que arranquei ao negrume da noite fixei meu olhar já afeito à escuridão. Depois de ter vasculhado o íntimo da «sombra», penetrado nas suas trevosas cavernas, tactado todos os seus contornos e envezadas fumas, esclareceu-se-me a luz da razão e, com espanto, vi-me na presença de alguém que eu conhecia! Mas... (o nas piedoso da bondade e do amor) não lhe preguei na fronte a placa da sua identidade.

Abandonei a ignominiosa «sombra». Preferi que ela ficasse na sombra, sua irmã-gêmea...

— «Eu»... — respondi, (revelando o meu nome).

Da sombra sobressaia um cacete nada tranquilizador.

— Que pretende desta casa?

— Que nela reine a paz! — E continuei. — Ouvi um grito tão lancinante que me sobressaltei pela sorte de alguém que, aí dentro, decerto, sofre horrorosas torturas...

— E que lhe importa?

— Se — atalho calmamente — dentro de toda a alma existisse esse amaríssimo fel ex que embebe as suas rudes palavras, nada mais, a nósoutros humanos, restaria que voltar as costas à sociedade putrefacta, porque esta teria perdido todo o seu carácter! Mas não; ainda julgo, no meu optimismo, que nem todos se perderam. Pelo menos existe uma briosa ala de lutadores em que ponho as minhas melhores esperanças no ressurgimento das qualidades ancestrais do Género.

— Acabe com essa lenga-lenga e pouha-se, quanto antes, a andar... — interrompe-me, brutalmente, a sombra.

— Incmoda-o estas minhas sinceras palavras — respondi sem ceder ao tom imperativo — mas é necessário dize-las, sempre que alguém se esquece dos seus deveres...

— Em mim, mando eu.

— Sob todos os pontos de vista, não! — retorqui — porque tem de dar contas à sociedade dos seus actos quando incoro-



**Corôas e urnas funerárias**

*Ninguém compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de*  
**URNAS do districto.**  
*Só vende BARATO*

**a Casa Leitão de Estarreja**

*de fazendas, chales, cazemiras, sedas, mo-  
aas, artigos de bordar, figurinos,  
sombrihas, calçado, gramafones e discos, etc.*

**Restaurant Floresta**

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

**Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos**

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

*A «Ginginha de Lisboa» também aqui se vende sendo*

*por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra*

*a GRIPE*

**Joaquim Simões Birrento**

**LARGO DA ESTAÇÃO**

**AVEIRO**

**Consultório de clinica dentária**

**MANUEL PEREIRA DE SOUZA**

*Cirurgião Dentista pela Faculdade de Medecina do Porto*

**Consultorio:**

**Farmácia Souza -- Estarreja**

**VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO**

Este medicamento absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

*Preparador e depositário:*

**Farmácia Lusitana**

**CACIA**

**Expediente**

*Informamos os nossos estimados assinantes que a cobrança feita pelo correio acresce 1\$00.*

*Por esse motivo torna-se mais económico para o assinante mandar satisfazer a importância das suas assinaturas.*

\*

*Pedimos aos srs. assinantes o favor de nos avisarem sempre que mudem de direcção.*

*No caso do nosso jornal no ser entregue regularmente é obséquio avisar-nos para providenciarmos nesse sentido.*

Na **TIPOGRAFIA CACIENSE** executam-se todos os trabalhos concernentes à Arte Gráfica.

**Manoel Correia Vidinha**

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades — Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

**Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja**

**A Z U L E J O S**

Azulejos artísticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de: monumentos, assuntos históricos, paisa-  
..... gens, fotografias, etc. ....

**F A B R I C A**

— = DA = —

**FONTE NOVA**

— = DE = —

**Manuel Pedro da Conceição, Filhos**

*(Firma registada)*

**AVEIRO**

**PORTUGAL**

*Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922*

*(Casa Fundada em 1882)*

**FARMÁCIA ALVES**

**Angeja**

Especialidades farmaceuticas nacionais estrangeiras. Grande quantidade de produtos químicos, tanto nacionais como estrangeiros drogas de toda a especie e principais accessorios.

Execução rapida e perfeita em todo o receituário.

sos ou iníquos, quer os pratique na via pública quer em sua casa...

Eu já não me sentia muito tranqüilo na frente daquela «sombra» que parecia ameaçar-me por me julgar testemunha de alguma sua infâmia. Mas..., agora, por princípio algum, voltaria as costas sem ter cumprido o meu dever de cidadão.

Alguém soltara um grito pedindo socorro, e eu covarde seria, se lho não prestasse. Por isso chamei a mim tôdas as forças dispersas, e fitei, altivo e afoito, a «sombra» que permanecia imóvel sob o alpendre aranhoso e bafiento...

Uma formidável batega de água e chuva de granizo caía do céu; ao mesmo tempo que dialogavamos, a lavar a terra suja de tanta lama e a romper o negro manto que nos velava os esplendores do plenilunio! E o certo é que, daí a momentos, como por milagre, o espaço se me foi patenteando em toda a sua deslumbrante magnificência, alumiado por divino facho que seguia com o seu alvínico jacto, a caminho do infinito, as nuvens mais retardatárias...

E a «sombra» vai-se delineando, surgindo da própria sombra, ganhando forma e passando à realidade que, parece não de-sejar, dada a pressa como se esquivava à luz. Agora é ela que recua, que pretende diluir-se na sombra donde nasceu. Mas esta não mostra ter vontade de a recolher em seu repelente seio, antes se esforça por a banhar no mar luminoso que, agora, jorra do céu, a abrir-se como imensa rosa de luz, rasgada as trevas, passada a tormenta, amainado o vento, dispersos os fumos que escureciam a abóbada, restituída a paz e dado o socêgo aos pinheiros esguios, que refeitos do susto, murmuram baixinho, no lar remansoso dos outeiros...

Da sombra ergue-se um vulto, do vulto surge-me um «gabão» a encobrir um corpo de homem, um homem, decerto, a esconder uma alma de lama.

Era êle... êle mesmo. Mas «êle» quem!?

— Vá-se embora... — intima-me em tom menos ríspido.

— Mas... — respondi — alguém, aí de dentro, gritou por socorro, e, meu coração, não me perdoaria a fraqueza duma retirada. Por isso...

— Saia daqui... se não quere que o esbarrache com êste pau! — bradou «êle», colérico, erguendo um marmeleiro.

Não! — respondi, recuando alguns passos, no receio dum ataque brusco...

... E, no mesmo instante, soaram três detonações.

«Êle», o vulto, a «sombra», o «gabão», tinha desaparecido, galgando um pequeno muro...

Sucedeu-se a calmaria, após uns segundos de pavor, no meu espirito e no meu coração.

Olhei em torno de mim e não corria leve fio de sangue. Apalpei-me, e meus dedos não sentiram o tecido beliscado. Tinha-me zunido perto do ouvido três balas, mas, certamente, demandavam outro alvo, porque meu corpo fóra religiosamente poupado.

O marmeleiro da «sombra» jazia, caído a meus pés, sobre duas ou três telhas partidas. E' que o alpendre era baixo, e o homem do gabão ao erguer o pau não se recordara que este antes de me atingir tinha forçosamente de bater no telhado do alpendre. Fiquei ileso por isso, e não por virtude de minha agilidade...

Mas..., ia a perguntar a mim próprio, quem ousaria fazer fogo contra a «sombra» e que razões teria para se ecidir a cometer um crime, quando sinto um ruído num silvado proximo.

Logo se me depara o meu excelente amigo Evaristo Gonçalves, no seu corpo pequenino e sacudido. Dá uma corrida e, num pronto, cola-me a boca ao ouvido, a segredar-me:

— O «melro» queria abrir-te a cabeça por teres, cas almente, ouvido os gritos. O que se terá passado naquela triste choupana?! Não sei... mas, o mais conveniente, é retirar-nos. Escapas-te de boa! Eu também ouvi aqueles inquietantes gritos, e ia para intervir quando surpreendi o vosso dialogo. Recendo que sofresses algum desaire, entendi que devia ficar escondido naquela moita aguardando os acontecimentos. Quando te ameaçou disparei a pistola para o assustar apenas, que não para alvejar aquêle patife. E' «êle», bem o conheci pelo timbre da fala. O «melro» ha de estar, agora, por aí perto, a estudar a forma de se vingar e de nos fazer calar... Por isso, anda daí, sai d'êste lupanar onde as almas, cheias de nójo, abandonaram os corpos corroídos pelo vício, entregues apenas ao instinto animal...

Este meu amigo era um belo rapaz, leal, franco, sempre pronto a cumprir os ditâmes da sua excelente alma.